

Glossolalia feral

fascículo I

**Pequeno dicionário parcial para uma aula
que ainda não aconteceu**



por Juliana Fausto

Nota aos que atenderam ao chamado

Este fascículo é um presente e uma preparação.

Desejo que seja o primeiro de uma série em torno a uma constelação de conceitos que se me tem aparecido em pesquisa.

Gosto do termo glossolalia neste contexto para referir-me às próprias palavras. Não sou eu que falo em línguas, ainda que fale, mas isso é assunto para outra hora: pensamento e dessubjetivação.

São as próprias palavras que, em sua emergência conceitual, ficam possuídas - meio como os Coríntios repreendidos pelo apóstolo Paulo em

sua missiva. Lá, assim como no *Íon* de Platão, o perigo de falar em línguas dizia respeito a não saber o que se dizia, não ser, digamos assim, o sujeito do próprio discurso.

Para este número inicial, escrevi uma introdução à aula que darei dia 17/12/2025.

Juliana Fausto, 2025

A SODALÍCIA FERAL

Feral tornou-se um jargão. Passou a significar “regresso ao estado natural” ou “de natureza”, dizer respeito a quê ou quem “vaza” dos projetos de infraestrutura humanos ou ainda a referir-se às “feras”, no mais das vezes em um aplaudimento romântico de diferentes cosmologias.

Como liberar uma palavra de modo a reativar, sempre em novidade e diferença, suas potências?

Há riscos.

Mas mesmo quando parte considerável daqueles que falam em nome da ecologia ou do meio ambiente de maneira bem intencionado não se dá conta que entre um

discurso no qual habitam, inocentes, conceitos como espécies invasoras, exóticas, naturalizadas, além de habitats naturais e aqueles das ideologias de sangue e solo há estranhas ressonâncias de ida e volta, é preciso arriscar-se, tomar partido, adentrar heresias.

“Nada vem sem seu mundo”, nem as palavras.

É por esse motivo que publico aqui, agora, este primeiro fascículo glossolálico.

A história não é o que se passou, mas o nome de um conflito, como me ensinaram.

Não é o caso de encontrar uma verdade mais verdadeira. Se de fato queremos expandir, torcer e mudar os eixos de nosso imaginário, não se trata de perfurar a terra até que ela grite, mas de realizar a prática anarquista de cartografar correntes em seus acoplamentos históricos (usos, vizinhanças, deriva semântica). Quem acopla com quem, por onde o sentido vaza, o que se conserva ao atravessar meios, onde ficam memórias e latências?

Contexto e transdução.

*Qual é o habitat
natural do gato?*



*De que modo o
menino-aranha, que
ganhou esse apelido por
conta de seus
extraordinários talentos
como escalador, pode
ser considerado feral?*



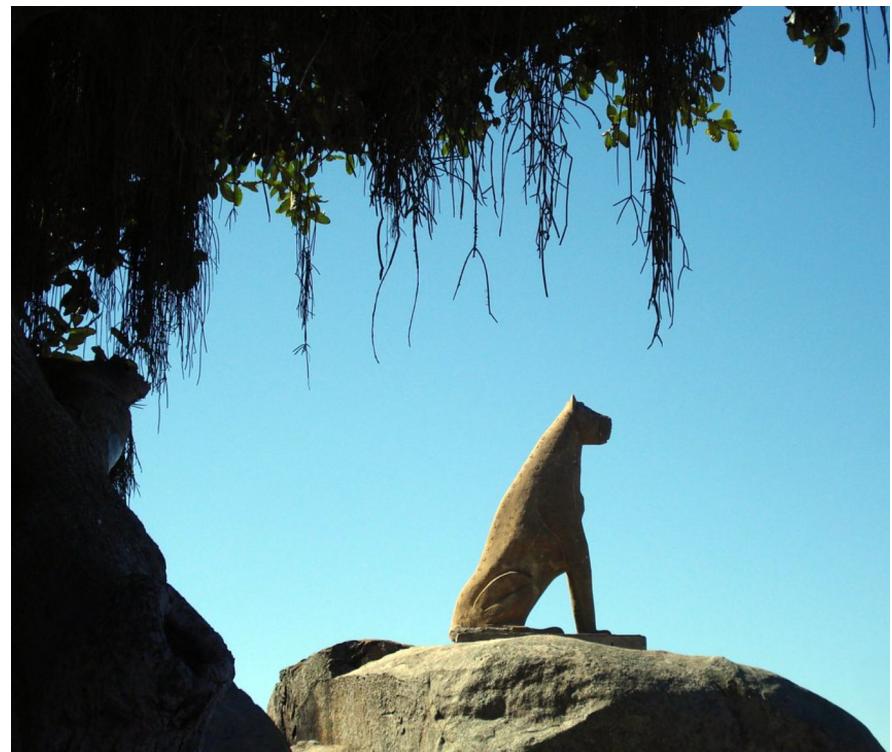
*Uma espécie exótica
(imigrante, não
obstante a intenção) é
considerada invasora
se causa danos para o
ambiente.*



Alguém entra na floresta e se sente observado: pede licença a Fauno. Um homem solitário ouve um ruído entre os galhos e deixa pão sobre uma pedra - gesto de gratidão por algo que escapou da beira da perda. Outro se deita no chão, envolto na pele de um cordeiro sacrificado e sonha com uma loba amamentando gêmeos sob uma figueira; mais tarde, rapazes correm lupinos por ruas de pedra, cobertos de peles, brandindo tiras ensanguentadas..

Deus dos bosques, do pastoreio e oracular, por Fauno fluem ou confluem natureza, cultura e sobrenatureza.

Os pés de Fauno, antigo rei do Lácio e neto de Saturno, engrossam, racham, transformam-se em cascos; chifres brotam de sua cabeça, e dele emanam muitos pequenos seres, sorridentes satiríacos sátiros, com flautas nas mãos. Mais tarde, sobre uma pedra, alguém lança um insulto ou o o chama por um nome macabro e golpeia Fauno nos chifres, ao mesmo tempo divinos e



animais. Em outro tempo, outro mundo, proclama-se a morte de um grande deus e, por um instante, confundem-no com Fauno.

Cícero zombou certa vez de uma estranha irmandade: chamou-a de “uma certa sodalícia feral” - minha tradução tendenciosa -, “fundada antes da humanidade e da lei”. Anteriores à própria comunidade humana, os Lupercais, homens-lobo sacerdotes de Fauno, não formavam um sacerdócio regido juridicamente, mas viviam segundo pactos da natura (foedera naturae). Eram parentes não por

sangue, mas por pacto. Um pacto mais antigo do que o Estado ou a família.

É aqui que eu começo: com Luperços não como folclore, mas como método. Com Fauno Fauno não como nostalgia de origem, mas figura de pensamento - um Fauno que já atravessou o Atlântico, a grande calunga. E com a sodalitas fera como primeira versão do que hoje chamo sodalícia feral, uma irmandade que desmoronou e se refaz diferentemente agora pra contar e criar a estória de outro modo.

O feral não é um retorno romântico. Ele emerge justamente da cisão entre natureza e cultura, do projeto civilizatório que instituiu esse corte para organizar o mundo e seus seres, e carrega suas cicatrizes. Feral não é o indomado. É o astuto. Não é nostalgia. É torção.

Em 1758, Lineu cunhou o termo Homo ferus na décima edição do Sistema Natura, nomeando uma subespécie antropomorfa.

Com base em relatos anedóticos de crianças que teriam vivido em “estado de natureza”, às vezes criadas por animais, às vezes sozinhas, Lineu organizou essas figuras em uma taxonomia racializada: a criança feral como evidência de uma natureza indomada, e assim como espelho do ideal civilizado. Uma dessas crianças foi Marie-Angélique Le Blanc.

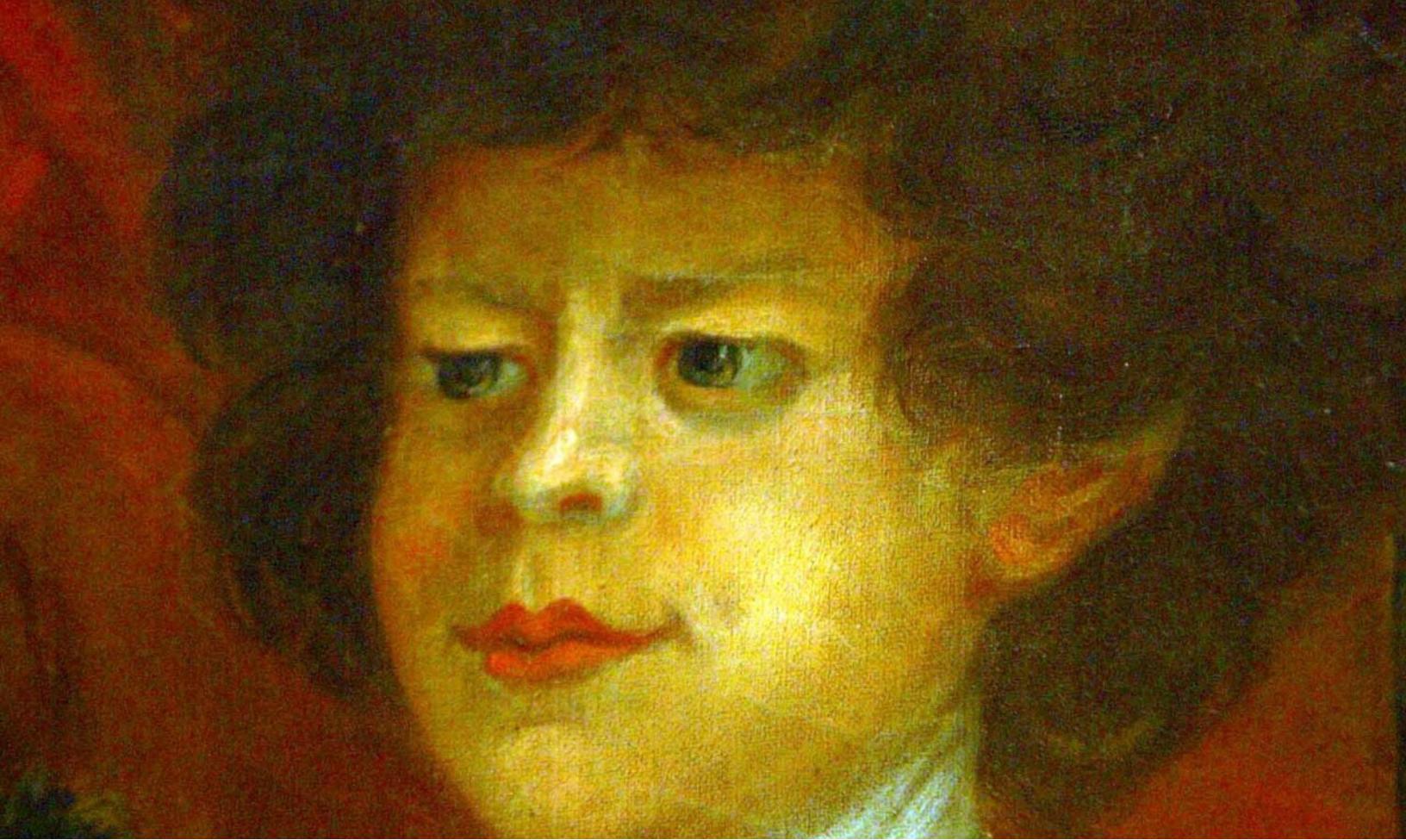
Capturada enquanto vivia em uma mata em Champagne, na França, descobriu-se que não se tratava de uma menina criada por animais, mas de uma garota indígena da América do Norte, sequestrada e levada à França para ser escravizada. Tendo escapado de sua proclamada dona, que morreu de peste bubônica, viveu durante anos na mata, sobrevivendo de astúcia e silêncio. Quando enfim foi capturada e “civilizada”, sua história foi escrita como triunfo do domesticado sobre o selvagem. Ela é um ícone feral não porque retornou à natureza - não voltou sequer a seu povo -, mas porque torceu o arco da domesticação depois da



escravidão. Um pouco parente de Gregor Samsa, que virou coleóptero não por desejo de regressão, mas para escapar de um futuro como burocrata. Não há retorno. Há metamorfose.

A história ocupou-se de apagar a subespécie e as crianças, mas as ciências da vida mantiveram a categoria. Feral hoje refere-se apenas a extra-humanos, sendo assim uma categoria que faz o serviço de manter a divisão de pé: organismos uma vez domesticados que, por abandono ou fuga, passam a viver por conta própria na natureza, esse espaço fantástico criado pela cultura.





Chamar um ser humano de “feral” hoje é perigoso. Há um receio até certo ponto justificado pelo terror ancestral.

Além disso, a palavra foi gasta, domesticada, desdentada. É preciso liberá-la para fazer o luto devido pelos chamados ferais, armar a luta devida pelos ferais atuais e, quem sabe até, entendermo-nos ferais neste momento em que a conformidade a fins da natureza rui.

A feralidade emerge do fracasso de um pacto e da insistência em viver depois dele. Quando o mundo, a

Seria o H. sapiens o único bicho domesticado por natureza?

linguagem ou a categoria falham, o feral não recua: ele se adapta, prolifera, inventa.

A feralidade não celebra a desordem total, mas o desmoronamento das categorias. A separação entre vida e artifício se

quebra. Os lobos não estão mais fora da cidade: viraram árvores. E as árvores têm olhos. Olhos que veem. São cães ferais.

Sodalícia feral é o nome possível para essas alianças que assombram o entre. Seres humanos, não humanos, mecânicos, vegetais. Espíritos, máquinas, bichos. Não por força de lei, mas por aliança. Não há modelo, só exemplos, como já disse o outro. Exemplos de como habitar um mundo que já não é o seu. E talvez nunca tenha sido o nosso.

Quer saber mais sobre tudo isso e sobre como essas categorias são mobilizadas hoje?

Dia 17/12 às 20h darei a aula inaugural de meu site e, ano que vem, um curso de 4 aulas sobre pensamento feral (o conceito feral x o conceito de feral).

Quem se inscrever na conferência ganha certificado e 20% de desconto para esse curso ou para qualquer outro curso meu em 2026.

Haverá sorteio de livro (é tempo de Saturnália) e as vagas são limitadas.



Modalidades de inscrição

Inscrição Feral – R\$ 150

Valor sustentável, que paga meu trabalho e os custos básicos.

Inscrição Saturnália (solidária) – R\$ 220

Ajuda a custear bolsas para quem não pode pagar o valor cheio.

Inscrição Glossolalia – R\$ 280

Inclui conferência + 20% de desconto em um curso de 2025 + folheto impresso com o Fascículo II de Glossolalia Feral.

Bolsas

Haverá bolsas integrais e parciais.

Para solicitar ou se inscrever:

:: oconceitoferal@gmail.com ::

Mais informações em:

julianafausto.com/cursos-abertos

julianafausto.com

